

A construção da identidade profissional docente: um panorama sobre a formação inicial em Letras

Juliana Macedo Silva (PQ)*

Ueg Câmpus Anápolis de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek, 146 Bairro: Jundiá Cep: 75110-390 Cidade: Anápolis - Go

Resumo:

O presente trabalho visa retratar um panorama do processo de construção da identidade profissional docente a partir de revisão bibliográfica. Afinal qual é a importância de se discutir a construção da identidade profissional em cursos de formação inicial de ensino de língua materna? Onde é que se encontra o sujeito-professor no meio dessa identidade fragmentada?

Pimenta (1999) afirma que a identidade profissional não surge apenas da experiência prática, mas também do saber científico. Mas até onde o saber científico presente nos currículos dos cursos de formação inicial influenciam na composição desta identidade? E por que estes conteúdos científicos estão nas matrizes dos cursos?

Nós como pesquisadores devemos nos ater a tais questionamentos e refletir sobre a nossa formação docente. Repensar nossa profissão, os nossos currículos de formação e nos tornar mais conscientes e comprometidos com a prática discursiva social da língua, quebrar paradigmas antiquados advindos de uma herança iluminista, e romper com a limitação de uma “tradição conservadora” de ensino que a tanto tempo persiste.

Palavras-chave: Identidade docente, Ensino de Língua Materna, Construção de identidade

Introdução

A identidade neste estudo é tratada como um processo de construção, não com uma abordagem essencialista e fixa, mas sim, de forma descentralizada, isto é, fragmentada, e em constante dinamismo. Para Stuart Hall (2005), o próprio conceito “identidade” é demasiado complexo, pouco desenvolvido e compreendido nas ciências sociais. Hall distingue três concepções muito diferentes de identidade:

- a) Sujeito do Iluminismo – baseado numa concepção humana mais “individualista”, de um sujeito centralizado, fixo, unificado. Tal indivíduo possuiria um “centro” que consistiria em um núcleo interior que se emergiria quando a pessoa nascia e com o mesmo se desenvolveria, permanecendo essencialmente o mesmo ao longo da existência do indivíduo.

- b) Sujeito sociológico – formado na “interação” do eu com a sociedade, o sujeito ainda possui um “eu real” que dialoga e se modifica com os mundos culturais exteriores e as outras identidades que se encontram. Nesta concepção, a identidade preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” do indivíduo – entre o mundo pessoal e o mundo público. Dessa forma a identidade sociológica “costura” o sujeito à estrutura, estabilizando tanto os sujeitos, quanto os mundos culturais em que se encontram.
- c) Sujeito pós-moderno – conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. O sujeito passa a assumir identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

Barzotto (2009) afirma que os termos “identidade” e “cultura” são por si só muito polêmicos, pois não compreendem apenas de caracteres de um indivíduo ou um grupo social, vão além, sem considerar acepções absolutas. Assim, forma-se uma tríade conceitual incorporando a identidade, a cultura e a sociedade no processo de construção que postula a identidade cultural de modo abrangente. Perante a existência desta tríade conceitual, estrutura-se o que Barzotto (2009) entende por identidade profissional, de forma que esta poderá ser ativada apenas no âmbito social e cultural de uma determinada comunidade, com determinados serviços a serem prestados perante as necessidades desta mesma comunidade.

Diante de tais concepções, onde exatamente se encontra o sujeito-professor em formação inicial, que ainda não possui essa identidade profissional consolidada? É necessário compreender a identidade destes sujeitos, seguindo o pensamento de Eckert-Hoff (2008), isto possibilitará saber o que está em jogo na formação inicial destes, o que, abre a oportunidade para se (re)pensar e a (re)direcionar o trabalho com a formação de professores, por meio da problematização da tendenciosa homogeneização dos sujeitos e de sua formação.

Segundo Eckert-Hoff (2008), através da desestabilização das fronteiras de uma identidade – geralmente considerada como fixa – possa-se “capturar pontos emergentes no processo de identificação, que nos permitam provocar o estranhamento, provocar possíveis deslocamentos, possíveis rupturas que levam a

possíveis (re)direcionamentos de pensar o sujeito-professor em formação” (*ibidem* p.26).

Material e Métodos

Inserir aqui, caso seja necessário, este item. (fonte: Arial, 12).

Resultados e Discussão

Para Pimenta (1999), a construção de identidades docentes, não são é suficiente os saberes advindos da experiência, são necessários os saberes científicos, tanto quanto, os de prática pedagógica. Segundo a autora, a pesquisa sobre os cursos de formação inicial de professores demonstram que estes cursos desenvolvem currículos com conteúdo e estágios distantes da realidade escolar, contribuindo pouco para gerar uma nova identidade aos profissionais em formação.

Nessa perspectiva Oliveira (2006) discute sobre as recentes pesquisas que investigam a formação de professores de língua materna, onde encontramos com frequência referências ao excesso de teoria presentes nos conteúdos dos cursos de formação inicial, ou seja, não orientadores de práticas. Porém as pesquisas que relatam observações de prática em sala de aula, apontam o inverso, ou seja, existe uma prática sistemática do ensino de língua materna, que corresponde a uma “transposição” das teorias adquiridas na formação inicial, reforçando a ideia de que a prática que é exercitada decorre do conceito de língua presente em seus processos formativos. Ainda sobre o assunto Oliveira (2006, p. 106) afirma:

O fato que se evidencia, portanto, não é que os cursos de formação inicial deixem de orientar práticas, o constatado é que estas práticas lhes fazem inserir em identidades às quais conscientemente rejeitam, pois são práticas consideradas ultrapassadas que remetem para uma identidade profissional do professor “transmissor de conhecimentos”.

Entretanto, não é que os conteúdos teóricos administrados nos cursos de formação inicial não orientem práticas. O que acontece, ainda, é que o processo

formativo inicial continua regido por uma concepção de linguagem e língua compreendida como mera representação do pensamento e como sistema estruturado em níveis, ou seja, “objetivismo abstrato”. Para Voloshinov (1978) a concepção de linguagem caracterizadas como “objetivismo abstrato” segue o modelo de que as práticas desenvolvam habilidades concernentes ao domínio das relações ‘entre signos’ e não aquelas entre ‘a realidade concreta e os signos’, na qual a língua é constituída e seus sujeitos falantes e escreventes. (OLIVEIRA, 2006)

A hegemonia dessa concepção de linguagem não é casual. Decorre do fato de que o currículo fundamental de um curso não é, apenas, instrumental técnico mas também social e cultural, atravessado por relações de poder que transmite visões sociais particulares e historicamente situadas em variadas áreas do conhecimento, as quais, orientam os processos seletivos dos conteúdos e saberes de referência presentes nas grades curriculares (SILVA, 1999). Dessa forma, podemos concluir a ideia de que os conteúdos apresentados nos currículos não são ingênuos, nem neutros, muito menos, independentes de uma valoração social.

No mais, podemos dizer que estes modelos de currículos constituem fundamentos para a formação de profissionais “elitistas” e “fundamentalistas” cujas relações com o conhecimento exigem a fidelidade para com a uma concepção lógico-gramatical da língua, juntamente a concepção elitista de cultura, configurando-se como uma “tradição conservadora”. Uma tradição, que para Oliveira (2006), rege-se por práticas discursivas hierarquizadas, com fronteiras bem delimitadas, evitando a “contaminação” e a ameaça vindas de outras fontes.

A autora ainda afirma que o desafio se coloca na formulação de currículos que favoreçam a construção de identidades “re-centradas”, que prezam pelo futuro, não ignoram o presente e nem as tradições, mas que se renovam, que não se dicotomizam, que não trafegam apenas por isso ou por aquilo. (BERNSTEIN, 1999 apud OLIVEIRA, 2006).

Considerações Finais

Em síntese, a discussão da relação entre ‘teoria x prática’ e construção da identidade profissional docente em língua materna, não podem dispensar uma discussão acerca da organização curricular dos saberes de referência contidos nos cursos de licenciatura em Letras, entendendo, pois, os currículos como um viés de

políticas públicas. Precisamos repensar nossos currículos para a formação de professores comprometidos e conscientes, no caso de língua materna, professores que se comprometam não apenas com o ensino sistemático de línguas mas também com o seu uso de prática discursiva social.

Agradecimentos

Agradecimentos aos meus familiares, colegas e professores, por me apoiarem em todos os momentos.

Referências

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 Ed. DP e A editora, 2005.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. Escritura de si e identidade: **O sujeito-professor em formação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

BARZOTTO, Leoné Astride. **Professor! Eu? Reflexões acerca da formação profissional em Letras**. In: I Seminário Nacional de estágio Supervisionado: diálogo entre licenciatura e II Fórum de Licenciaturas, 2009, Dourados. I Seminário Nacional de Estágio Supervisionado e II Fórum de Licenciaturas, 2009.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes. **Revisitando a formação de professores de língua materna: teoria, prática e construção de identidades**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 6, n. 1, p. 101-117, jan./abr. 2006